

# UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE O DISCURSO DETURPADO E DENOMIZADOR DAS MULHERES BRUXAS NO MANUAL *MALLEUS MALEFICARUM*

Neila Cristina dos SANTOS<sup>1</sup>  
José Artur Teixeira GONÇALVES<sup>2</sup>

**RESUMO:** No período da Idade Média, muitas mulheres, foram vítimas de julgamentos, sob a acusação de crimes que relutavam contra a fé da Igreja Católica. Denominadas de bruxas, nos tribunais do Santo Ofício. Este período histórico ficou marcado por estes tribunais, tornando-se popularmente conhecido como “Inquisição do Santo Ofício e A Caça as Bruxas”. Destarte, que o artigo se limitará em analisar este período em tela, e discutir as bruxas segundo, o livro intitulado: *Malleus Maleficarum*, Martelo das Feiticeiras, escrito em 1484, pelos Inquisidores que contava com o apoio papal, na disseminação da demonização da figura feminina, calcada na ótica do discurso cristão da Igreja e no texto demonológico que a obra contém. Assim, concluindo, com evidências que discursos religiosos baseados no cristianismo perduram até nos dias presentes. E ainda valoriza uma mentalidade subalterna no que se refere à autonomia e igualdade de gênero do homem e da mulher.

**Palavras-chave:** Idade Média. Inquisição do Santo Ofício e A Caça as Bruxas. Manual *Malleus Maleficarum*. Demonização da Mulher.

## 1 INTRODUÇÃO

A Idade Média foi palco de um acontecimento marcante no que tange o percurso histórico da mulher. Este período é bastante relevante para a estigmatização e deturpação feminina, pois, havia uma construção no imaginário social associado ao discurso cristão, que a mulher era uma bruxa maléfica e com poderes sobrenaturais.

---

<sup>1</sup> Discente do 2º ano do curso de Serviço Social, Bolsista do NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA (NEPE), Grupo de Pesquisa: Perspectivas alternativas sobre a violência e os direitos humanos: religião e o campo histórico-social contemporâneo. Das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente.

<sup>2</sup> Docente e Orientador do curso de Serviço Social das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Doutor em História pela UNESP/Assis.

A sentença para seus crimes contavam com o respaldo das leis eclesiásticas e leis civis. Geralmente, o veredicto era atribuído com a pena de morte, através, das fogueiras, enforcamento e a prisão perpétua para as acusadas. A Igreja Católica contribuiu para desmorrionar a imagem das mulheres bruxas, assim, desenvolveram no imaginário social que elas eram utilizadas como instrumentos do demônio, possuidoras de poderes para fazer o mal.

Neste contexto, nosso artigo se limitará a fazer uma análise num dos principais documentos inquisitoriais a obra: *Malleus Maleficarum* ou Martelo das Feiticeiras, identificando e salientando a deturpação e demonização da mulher, cuja, a pauta da obra transforma-se num manual para os juízes inquisidores do período à baila.

Para uma melhor compreensão da temática problematizada contaremos com a bibliografia de Jean - Michel Sallmann, em sua obra: *As Bruxas Noivas de Satã*, de 2002. Obra esta ilustrada e de muita clareza na compreensão. Também nos auxiliará: *O Livro das Religiões*, 2000, dos autores Gaarder; Hellerm; Notaker, obras que muito nos acrescentará no cerne do artigo.

Para discutirmos estas ideias apresentaremos três sucintas partes, nos quais, inicialmente esclareceremos os pressupostos de acusação que a mulher bruxa sofria, ressaltando, o discurso religioso da Igreja Católica na demonização do feminino. Em seguida, traçaremos um breve contexto histórico da fonte documentada da obra estudada, e por fim, uma análise nas Sagradas Escrituras juntamente com o manual identificando alguns pontos de misoginia, na abordagem final, demonstrare-mos a distorção que complementam a visão machista de mundo que o homem continua a ter.

Por meio de análise neste documento inquisitorial pretendemos ressaltar ao leitor como foi construído o discurso demonológico do feminino, assim, demonstrar que no imaginário masculino o estigma da mulher bruxa do passado, encontram reflexos no presente, alicerçada na cultura machista arraigada no cristianismo.

Portanto, temos que estar atentos aos obstáculos que irá nos acompanhar neste desenvolver, pois, na verdade nunca será possível estudar as bruxas por si mesmas em suas vozes e ideologias, apenas iremos percebê-

las e analisa-las através dos documentos de teólogos e inquisidores e na bibliografia que autores, em entre os quais historiadores e sociólogos, se propuseram a pesquisar sobre relevante assunto.

## **2 PRESSUPOSTOS DA “INQUISIÇÃO E A CAÇA AS BRUXAS”**

Durante os séculos V ao XV que descreve o período da Idade Média, os valores e o comportamento dos indivíduos atingiram o ápice dos seguimentos doutrinários eclesiásticos, narradas pela Igreja Católica, ou seja, era ela a primeira e principal instituição eclesiástica que operava, pregando os ensinamentos deixados por Jesus Cristo, o filho de Deus<sup>3</sup>.

Desta maneira, a história do cristianismo no ocidente esta fortemente ligada ao nascimento do salvador da humanidade: Jesus Cristo. Com seu nascimento, inicia-se uma nova era um novo legado, tanto na divisão bíblica (antigo e novo testamento) assim, como na nossa cronologia do calendário.

Para uma melhor compreensão da informação acima, faz-se necessário ter uma visão panorâmica da consistência do cristianismo:

Visão da história: Visão linear da história, isto é, a história tem um começo e um fim; o mundo foi criado num certo ponto e um dia irá terminar.

Conceito de deus: Deus é criador; ele é todo-poderoso e é único. O monoteísmo é tipicamente ocidental.

Noção de humanidade: Há um abismo entre Deus e o ser humano, entre o criador e a criatura. O grande pecado é o homem desejar se transformar em Deus em vez de se sujeitar à vontade de Deus.

Salvação: Deus redime o ser humano do pecado, julga e dá a punição. Existe a noção da vida após a morte, no céu ou no inferno.

Ética: O fiel é um instrumento da ação divina e deve obedecer à vontade de Deus, abandonando o pecado e a passividade diante do mal.

---

<sup>3</sup> É no primeiro capítulo do novo testamento do livro bíblico (Mateus, 1: 21; 23), que encontramos a passagem de Deus revelando à virgem Maria que ela há de gerar o seu único filho em seu ventre.

Culto: Orar, pregar, louvar. (GAARDER; HELLERM; NOTAKER, 2000, p.38).

Portanto, é através deste modo de interpretar o cristianismo pelos clérigos da Igreja, cujo, período em tela é o momento que marca o declínio feminino e sua imagem é ligada ao demônio. Tornando-se alvo de caça e perseguições levando a morte mais de milhões de mulheres sob o pretexto, entre outros, de copularem com o demônio.

Esta acusação durou por longos quatro séculos e a mulher passa a ser demonizada e acusada por pactuar com o demônio sofrendo uma estigmatização e perseguição, pelos religiosos: clérigos ou servos. Período este conhecido na história de: “Inquisição do Santo Ofício e A Caça as Bruxas”.

A Igreja Católica, através do seu discurso religioso, afirmava a existência das bruxas, identificando-as como possuidoras de poderes mágicos e sobrenaturais, como por exemplo, se transformar em animais e fazer voos “de posse da pomada voadora, que tem sua fórmula definida pelas instruções do diabo e é feita dos membros das crianças mortas (...) ungem uma cadeira ou um cabo de vassoura; depois são elevadas aos ares, de dia ou de noite” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 228), e ainda, de fazer “poções mágicas” para serem utilizadas contra outras pessoas, participarem de festas nos bosques denominados de “sabás<sup>4</sup>” e, principalmente, lançar feitiços contra os homens, fazendo-os perder a ereção e a ejaculação. Destruir as plantações, causar mal aos animais e matar crianças ainda no útero, eram apenas algumas das acusações que elas sofriam, ou melhor, no imaginário social era criada uma bruxa capaz de causar malefícios a todos da comunidade.

### **3 CONTEXTO HISTÓRICO DA FONTE *MALLEUS MALEFICARUM***

Na obra intitulada de: *Malleus Maleficarum*, sendo este seu título original em *latim*, traduzido é conhecido como: Martelo das Feiticeiras ou

---

<sup>4</sup> Para Sallmann (2002, p.31) na ilustração de seu livro ele define: O ritual imaginário do sabá constituía a peça mestra da crença na bruxaria. Desse modo, na Idade Média, os bruxos eram os representantes e novos sectários de uma anti-religião, a do Diabo. (...) Como a religião não tinha outro objetivo a não ser afastar seus fieis do catolicismo, o sabá imitava os rituais católicos.

Martelo das Bruxas, esta tese em forma de livro, que posteriormente, tornou um manual, foi escrito no ano 1484, século XV, por dois inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, ambos, professores de teologia, da Ordem dos Monges dos Dominicanos.

Os supracitados inquisidores pela bula papal *Summis Desiderantes* de Inocêncio VIII possuíam autonomia para utilizar os métodos de tortura nos interrogatórios, na expectativa de obter informações necessárias para lhe atribuir sentenças nos julgamentos.

Extraímos partes do trecho da bula papal, exposto na obra do *Malleus*, que nos confirma a aprovação da Igreja Católica no poder decisório e punitório dos inquisidores:

Não obstante Nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger (...) tenham sido por cartas apostólicas delegados como inquisidores de tais depravações heréticas, (...) não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado (...) decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.44-45)

Por meio, destas palavras na divulgação da bula papal, que o *Malleus Maleficarum* torna-se um manual utilizado na máquina inquisitorial. Por haver um conteúdo que trata exatamente sobre a questão da bruxaria, ele ganha bastante utilidade de manuseio pelos os juízes medievo, pois, descreve informações confiáveis e precisas, sobre como identificar e punir uma bruxa ao serem capturadas.

Sua abordagem teórica encontra respaldo na correlação com a Bíblia Sagrada, juntamente, com autores doutores e filósofos de obras reconceituadas, como exemplo, São Tomás de Aquino, São Cristovam, São Jerônimo, São Agostinho, Aristóteles, Sócrates, Sêneca; entre tantos outros citados e consagrados até dias presentes, também se apoia nas leis cânones e seculares (civis).

Neste trecho, iremos perceber a relevância de outros nomes: “Seu relato de como as bruxas professam a sua fé no diabo está indubitavelmente

de acordo com o que foi dito pelo eminentíssimo Doutor João Nider<sup>5</sup>, cuja obra, mesmo em nossos tempos, é por demais esclarecedora”. (KRAMER, SPRENGER, 1995, P.216).

As secções do manual encontram-se dividido em Três Partes que conta com argumentações e questões a esclarecer identificando as bruxas e sua magia, embora, todas as argumentações fossem baseadas em hipóteses elas se mesclam com outras obras já produzidas sob a mesma temática, como já mencionada acima.

Sua divisão compõe neste contexto e sequência; Primeira Parte: Das Três Condições Necessárias para Bruxaria: O Diabo, A Bruxa e a Permissão de Deus Todo- Poderoso; nesta argumentação tentava provar que a bruxaria existia.

Esclarece como o demônio aproveita do corpo feminino, Íncubos, e em alguns casos, do corpo masculino, Súcubo, “que na verdade é o demônio chamados” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 83), por estes nomes (Íncubos e Súcubos), “pois o demônio é Súcubo para o homem e se torna Íncubo para a mulher” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.85).

Esta parte é dividida por questões, que explica como as mulheres, por seu suposto ‘intelecto inferior’ são por natureza atentadas e persuadidas pelos demônios mais do que os homens.

A Segunda Parte: Dos Métodos Pelos Quais Se Infligem os Malefícios e de Que Modo Podem Ser Curados; descreve as formas que as bruxas utilizam para encontrar o demônio.

Identificando como se tornar imune aos atentados da bruxa, com remédios preventivos e curativos, também, sobressai às maneiras como se dá o pacto com o demônio e persuade pessoas inocentes para iniciar na magia.

A Terceira Parte: Que Trata das Medidas Judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a Serem Tomadas Contra as Bruxas e Também Contra Todos os Hereges; Que Contém XXXV Questões Onde são Clarissimamente Definidas as Normas Para a Instauração dos Processos e Onde São Explicados os Modos Pelos Quais Devem Ser Conduzidos, e os Métodos Para

---

<sup>5</sup> Juiz inquisidor e autor da obra *Formicarius* em 1435. (grifo nosso)

Lavrar as Sentenças; nesta secção o manual explicita os métodos para julgar as sentenciadas.

A teleologia era de acabarem com as bruxas, com sentenças de prisão, mortes pela fogueira ou enforcamento, tudo descrito numa naturalidade inconformante, pois a tortura já consentida pelos clérigos medievos era utilizada como incentivo para assumirem sua culpa.

Nesta parte da obra, também faz menção da confiabilidade que deve ser dada aos relatos de testemunhas contra os crimes de bruxaria. E também regras a respeito de como prevenir que as autoridades envolvidas no julgamento não sejam enfeitiçadas pelas mesmas.

Assim, com a junção das Três Partes, os juízes saberiam como se posicionar em cada etapa do julgamento, desde a captura até a sentença final. Ou reproduzindo as próprias palavras dos criadores da obra para descrevê-la utilizaremos este trecho: "Portanto, desenvolvemos essa obra para que possa ficar a cargo dos Juízes os métodos de processar, julgar e sentenciar nesses casos". (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 381)

De uma maneira geral e peculiar, o estilo que narra à obra *Malleus Maleficarum*, é totalmente complexa, séria e isento de qualquer humor, mesmo nas situações e interpretações imagináveis, não deixa transparecer nenhuma dúvida que não se apresenta como uma verdade inquestionável.

#### **4 ANÁLISE DO MALLEUS MALEFICARUM E A DEMONIZAÇÃO DA MULHER**

Sobretudo é na Primeira Parte do manual, que os escritores subalternizaram a imagem da mulher, com textos interpretados das Sagradas Escrituras. Enfatizaremos, esta passagem do manual para que seja avaliada a má-compreensão do texto bíblico:

E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou

seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim, dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 116)

No texto bíblico de Gênesis que conta como Deus criou o mundo, juntamente, a mulher, em nenhum momento o texto relata sobre “costela recurva”, a este respeito percebe-se que houve uma má-interpretação dos inquisidores no tange o texto da bíblia. Pois, na passagem bíblica a história é contada desta maneira: “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou a mulher, e trouxe- a a Adão”. (Gn, 2: 21,23).

Esta mulher criada por Deus foi Eva, porém, ela é mal vista e acusada pelos autores e clérigos, há persuadir Adão a comer do fruto proibido<sup>6</sup> e causar o primeiro pecado no mundo, assim, toda raça humana sofre com a punição dada por Deus-Pai.

Nesta ótica, a sexualidade feminina acaba sendo intrinsecamente ligada ao pecado original. Sua contestação é evidenciada no discurso religioso da época, pois, revela a impureza da mulher, tendo Eva como nomeadora do mal no velho testamento, e posteriormente, a mulher ganha outra identificação como serva fiel e obediente na versão do cristianismo surgindo Maria mãe de Jesus.

Conforme diz S. Jerônimo, esclarecemos: “há uma mudança do nome de Eva para Ave e todo o pecado de Eva é expungido pela bem-aventurança de Maria. Portanto, cabe aos pregadores muito louvá-las sempre que possível”. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.116). Assim, Maria foi canonizada como santa perante os clérigos da Igreja Católica, havendo vários fiéis devotos, e exemplo das mulheres cristãs.

Ainda de acordo com a Primeira Parte do manual, que contribuem para a visão estereotipada da mulher dada como alvo da ação maléfica e da demonização causada pela permissão de Deus, ressaltaremos esta narrativa que demonstra que o homem não pode receber injúrias: “E abençoado seja o

---

<sup>6</sup> A este respeito ler na Bíblia Sagrada ainda no livro de Gênesis: A tentação de Eva e queda do homem (3: 3,7).



Altíssimo, Que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo; como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio”. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 121)

Neste manual, fica explícito a culpa das mulheres e a inocência dos homens. Embora, eles recriaram um discurso religioso fundamentados em afirmativas de que Deus “confiou a Glória magna de espalhar largamente o seu poder, digamos que diversos homens têm identificado para esse fenômeno várias razões” (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 113), deste modo, poderiam julgar mulheres e aplicarem as violências guiadas por leis divinas e civis no processo inquisitorial.

Iremos destacar como Sallmann, autor da obra: *Noivas de Satã*, 2002, interpreta esta estigmatização lançada na figura da bruxa mulher:

Os responsáveis eram procurados entre as mulheres, sobretudo entre as idosas e mais pobres. De fato, elas estavam predispostas à acusação de bruxaria. (...) Com frequência eram viúvas, e eram isoladas em uma sociedade que nem sempre foi tão caridosa com os anciões como, às vezes, gostamos de acreditar. (Sallmann, 2002, p.55)

Além do estereótipo distorcido que as identifica como bruxas maléficas, elas ainda carregam o signo de inferioridade intelectual. Deste modo, ainda expressada na Primeira Parte do manual, encontramos passagens deste gênero “por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.116), ou ainda, “as mulheres possuem também memória fraca” (KRAMER, SPRENGER, 1995, p. 118). E até mesmo menciona a etimologia da palavra feminina:

E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *Femina* vem de *Fé* e *Minus*, por ser a mulher sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fé. (...) portanto, a mulher persevera é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la- fenômeno que conforta a raiz da bruxaria.(KRAMER, SPRENGER, 1995, p.117)

Todavia, será nas palavras de São Agostinho que definiremos a visão da bruxa medieva:

Bruxas, também chamadas de feiticeiras, são assim denominadas por causa da magnitude de seus atos maléficos. São as que, pela permissão de Deus, perturbam os elementos - as forças da natureza - são as que confundem a mente dos homens, conduzindo-os à descrença em Deus, e que, pela força terrível de suas fórmulas malignas, sem qualquer poção ou veneno, matam seres humanos. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p, 68)

Evidentemente, que esta deturpação feminina indagada pelo discurso religioso, causava medo e histeria entre as pessoas, criando nas relações e no imaginário social uma misoginia na imagem feminina. Transformando esta misoginia numa perseguição violenta pela máquina inquisitorial, através das torturas para confessar seus supostos crime de heresia contra a fé católica. “Porque bruxaria é alta traição contra a majestade de Deus. E assim os acusados devem ser torturados para que confessem o seu crime”. (KRAMER, SPRENGER, 1995, p.55)

Destacaremos esta passagem que nos é muito pertinente, pois, nos demonstra como funcionavam estes processos dolorosos de tortura nos interrogatórios:

Podemos citar: a tortura na água, onde o acusado, preso pelos pés e punhos a argolas chumbadas na parede, e colocado sobre o pau-de-arara devia tragar, para começar, um pouco mais de nove litros, e de novo, se a primeira tentativa não bastasse, isto é, dezoito litros e meio; o aquecimento dos pés; a introdução de pontas de ferro sob as unhas (...) os “borzeguins”, peças de madeira aplicadas nas pernas e apertadas com cunhas e cordas. (SALLMANN, 2002, p. 74)

Ou seja, por meio destes processos dolorosos de violência e tortura não tinham como estas mulheres denominadas de bruxas conseguirem provar sua inocência, assim, confessavam os crimes, e logo, acabavam mortas, geralmente, nas fogueiras em forma de espetáculo, em praças públicas.

Mesmo após terem confessado seus crimes, é ainda na Segunda Parte do manual que os autores continuam a afirmar que ambas não alcançariam a paz divina “embora pudessem ser livradas da possessão diabólica pela confissão sincera, continuaram a ser atormentadas por muito

tempo e seriamente, sobretudo à noite. E Deus assim permite para seu próprio castigo”. (KRAMER, SPRENGER, 1995, P.373)

Ou em outras palavras, mesmo as bruxas consentindo e assumido seus crimes heréticos, elas ainda continuariam a sofrer atormento do demônio, com a permissão de Deus, pois, a mulher traz em sua natureza o germe possuidor do pecado, em essência desde a criação do mundo com a formação de Eva.

Na bula emitida pelo papa, já mencionado acima, é clara a menção que expressa para o fim da bruxaria, referimos a esta passagem:

Desejando (...) que a fé Católica (...) cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos fiéis, é com enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 43/44).

Os efeitos almejados, referentes à sua bula, são julgamentos, tortura e punição, afim, de exterminar mulheres bruxas e conter seus feitiços maléficos.

A esse respeito utilizaremos a Terceira Parte da obra e contaremos com vossas próprias palavras para ressaltar o que ensina o manual, nos quesitos de o Juiz observar a veracidade dos fatos apresentados: “Nessa eventualidade, tem três pontos a considerar, quais sejam, a sua má reputação, a evidência dos fatos e o depoimento das testemunhas. Cumpre verificar se esses três elementos são concordantes entre si”. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 412)

Desta maneira o Juiz encontrando clara evidência dos fatos baseadas nestes três pontos, tem toda regalia de professor seu veredicto sobre a acusada: “conforme dissemos, quando todos os três elementos são concordantes entre si, se há de considerar a acusada culpada do crime de heresia”. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 412).

Todavia, se ela lutar contra e não confessar seu crime herético cabe uma abrangência mais profunda de punição por parte do Juiz: “e convém

confinar a acusada na prisão por algum tempo, ou por alguns anos, caso em que, talvez, depois de padecer por um ano das misérias do cárcere, venha a confessar os crimes cometidos”. (KRAMER; SPRENGER, 1995, p. 413)

É no julgamento feito pelo ângulo do manual, que as acusações de bruxaria feitas pelos juízes inquisidores “filhos da igreja”, ganha corpo, atacando mulheres indefesas, em sua maior parte, velhas, viúvas ou sedutoras, frequentadoras de festas em bosques, os sabás tornando-se alvos perfeitos para a acusação dos crimes contra a fé, no discurso religioso cristão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a obra fica nítida a culpabilização da mulher na figura de Eva como causadora do primeiro pecado, na visão masculina alimentada pelo discurso religioso, diga-se patriarcal.

O discurso religioso das Igrejas cristãs ainda não trata a mulher com igualdade no que tange a composição hierárquica da mesma, donde, a mulher deve ter uma boa conduta para com os filhos e marido, usando como exemplo de Maria mãe de Jesus, dito em outras palavras, o discurso que compõem o cristianismo põem a mulher como submissa ao homem pela lei divina. Desta maneira, a mulher continua a entrar no campo da contestação masculina, pois, carrega em sua mentalidade uma visão de mundo alicerçada no patriarcalismo, cuja, a mulher é apenas uma figura inferior ao homem.

Portanto, é com o desenvolvimento da tecnologia e da globalização nas sociedades ocidentais, que a mulher vem se fortalecendo em diversos seguimentos sociais. Através do movimento feminista no XIX, a mulher tem direito ao voto, a pílula e a capacidade de ocupar cargos nos âmbitos públicos e privados, ora, antes reservados para o homem, entre outras conquistas. Embora, a igualdade entre os gêneros pregada no cristianismo permanece sendo sua meta de alcance ao movimento social feminista, elas ainda lutam para sua emancipação e autonomia de sua sexualidade.

Devemos ressaltar que a sociedade vem ganhando contornos inovadores, possibilitando novos sentidos no movimento involuntário da história, por meio da agregação de valores que se encontram fortalecidos nos princípios morais, culturais, sociais e, sobretudo, religiosos.

Contudo, o que afirmamos é que para a mulher concluir sua luta e alcançar a emancipação e igualdade de gênero, faz-se necessário se libertar do preconceito estipulado pela crítica do pensamento cristão, lançar fora os pressupostos do cristianismo que domina e aliena nas doutrinas transcendentais na figura de um Deus-Pai.

No entanto, esta quebra de paradigmas abalaria muitos fiéis que tem arraigado em seu íntimo crenças nas palavras da Sagrada Escrituras, num

consenso afirmado que “A palavra de Deus é eterna e não passa”, “Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre”.

Em suma conclusiva, parece-nos impossível que a partir do próprio pensamento religioso se estabeleça um discurso de igualdade entre os gêneros homens e mulheres sem que haja a inversão dos valores e do poder numa sociedade que tem a cultura patriarcal como sua aliada.

Trazendo a história das bruxas, para o início do século XXI, encontramos as com uma salva importância ligada ao imaginário infantil, mesmo que disseminado com uma figura má, feia e impiedosa, ela se sobressai, como uma mulher sábia com triunfos de vitória e vingança, que luta com sua ideologia contra ou a favor numa sociedade cheia de desejos de alcançar o poder e medo do mal proporcionado pelo outro na sede de conquista. Assim, as bruxas da idade Média, serão sempre lembradas como um início de um marco histórico, incorporada nas bruxas da atualidade que lutam pelos seus direitos, emancipação, igualdade e autonomia, através dos bem articulados movimentos feministas sociais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, Ângela Mendes de. O gosto do pecado; casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

BÍBLIA DE JERUSALÉM – NOVO TESTAMENTO. Edições paulinas, 1973.

BÍBLIA SAGRADA- ANTIGO E NOVO TESTAMENTO. Imprensa Bíblica Brasileira, 1997.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Convite à filosofia. 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GAARDER, Jostein. HELLERN, Victor. NOTAKER, Henry. O livro das religiões. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa. SILVEIRA, Jacqueline Passos da. AMARAL, Carolline Scofield. (organizadoras). História do Direito: novos caminhos e novas versões. Mandamentos: Belo Horizonte, 2007. Disponível em:<[http://www.gbsr.com.br/magisterio/0401artigos\\_cientificos\\_roteiro\\_para\\_a\\_leitura\\_do\\_malleus\\_maleficarum.pdf](http://www.gbsr.com.br/magisterio/0401artigos_cientificos_roteiro_para_a_leitura_do_malleus_maleficarum.pdf)>. Acesso: 25/08/2013.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*: Martelo das Feiticeiras. 11. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NOVINSKY, Anita Waingort. **A inquisição**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SALLMANN, Jean-Michel. As bruxas: noivas de Satã. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.